

## Fóruns *on-line*: intertextualidade e *footing* na construção do conhecimento

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e PAIVA (UFMG)  
Adail Sebastião RODRIGUES JÚNIOR (doutorando/UFMG)

### Iniciando nossa discussão

Um dos gêneros que emergiram com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação foi o **fórum eletrônico**, também chamado de Newsgroup ou UseNet group, que tem como função dar suporte a uma comunidade discursiva, ou seja, “indivíduos que compartilham um interesse comum e sobre o qual querem se comunicar”<sup>1</sup> (Jonassen,2000:247). A palavra *fórum* originalmente significa lugar de reunião. Na Internet é um espaço virtual que reúne as opiniões de uma comunidade discursiva. Assim como nas listas de discussão por e-mail, pode-se publicar, responder ou apenas ler uma mensagem. A diferença é que as mensagens ficam armazenadas em uma homepage em vez de serem enviadas para cada usuário.

Os fóruns on-line caracterizam-se principalmente pela relação dialógica que acompanham os variados discursos produzidos por seus participantes virtuais. Segundo Bakhtin (1986), o dialogismo refere-se à idéia de que os enunciados produzidos pelos interlocutores respondem a enunciados anteriores, direcionados a um público específico, o que vai de encontro à noção de ocorrência isolada de produções discursivas. Com tal definição, Bakhtin minimiza qualquer ênfase imputada sobre a autoria original, demonstrando que a cadeia de enunciados na qual nos inserimos enquanto co-participantes é resultante de forças discursivas dialógicas que representam, através da linguagem, discursos variados que nos circundam.

Allen (2000:199-208) sublinha que a Internet oferece às sociedades pós-modernas um perfil de interconexão sem barreiras, intertextualizando nossas práticas discursivas de forma explícita e recorrente. Em outras palavras, a Internet como um todo, e mais especificamente os fóruns on-line, trazem à tona um elenco variado de discursos que se tornam foco de atenção e discussão. À medida que os interlocutores virtuais enunciam seus discursos, uma rede discursiva híbrida se estrutura, tornando explícita a contribuição discursiva do interactante para a formação de uma cadeia intertextual de enunciados. Além disso, o caráter

---

<sup>1</sup> Nossa tradução de: “...individuals who share a common interest and want to communicate about it.

recorrente das informações ali apresentadas tipifica o gênero discursivo fórum on-line de discussão como um ambiente virtual em que seus interlocutores têm acesso irrestrito, a qualquer momento, às informações anteriores, o que lhes faculta meios de reflexão e ulterior comentários acerca dos tópicos discursivos que ali se desenrolam. Tal característica se dá ao contrário da interação oral, pois não podemos voltar no tempo após o encerramento de uma conversa e dispersão dos participantes, uma vez que em um fórum virtual é possível interagir com quem postou uma mensagem hoje e em seguida com outro que publicou sua mensagem alguns dias antes.

Com o advento da Internet e as profundas mudanças sociais e culturais que ela tem causado, a concepção de como constituímos o saber acadêmico ganha novo matiz, uma vez que os limites de nossa territorialidade se tornaram tênues e sutis, o que nos convida a repensar nossos conceitos sobre discurso e conhecimento (Palloff & Pratt, 2002). Dada a importância de se considerar a estrutura discursiva em que comumente nos inserimos quando interagimos face a face com nossos interlocutores na vida cotidiana, torna-se igualmente importante compreender a interação on-line como produção discursiva que desafia as noções tradicionais de discurso e interação. Conforme advogam Jaworski & Coupland (2000:13), nossa interpretação dos variados discursos que produzimos e recebemos vai além da simples produção linguística através da qual expressamos nossas intenções comunicativas; sobretudo, para esses autores, nossa interpretação deve se debruçar sobre a instância funcional da linguagem, em cuja dinâmica os significados semântico-discursivos ganham um caráter dialógico, isto é, de uso da linguagem enquanto constituidora de significados intertextuais.

No que concerne ao discurso on-line, esse paradigma descaracteriza-se, pelo simples fato de que a interação perde seu aspecto presencial e adquire uma característica mediada em que os interlocutores interagem tanto com a máquina quanto com seus outros interlocutores virtuais. Se pensarmos que o discurso on-line, em suas multifacetadas formas e expressões, redefiniu o conceito de cultura nas sociedades pós-modernas, tipificando-as como sociedades sem identidade fixa, mas, sobretudo, com identidades móveis, flexíveis e redefinidoras das práticas culturais que nos rodeiam (Hall, 2002), reconhecemos que compreender como a interação on-line se dá é tema de pesquisa constante e atenta. Parece-nos que o paradigma do *on-line* se instaurou em nossas vidas, convidando “the humanities” a revisitarem o conceito de cultura e perceberem que, como sublinha Geertz (1989:8), “[a] cultura é pública (...). Embora uma ideiação, não existe na mente de alguém; embora não-física, não é uma identidade oculta” Vista desta forma, a noção de cultura está imbricada na ontologia do sujeito social,

convidando-nos, pois, a tentar entender até que ponto a cultura on-line ajuda a redefinir a cultura da oralidade e da escrita nas sociedades pós-modernas.

Portanto, neste artigo consideramos pertinente investigar a estrutura genérica dos fóruns de discussão on-line enquanto espaços virtuais apropriados para as práticas discursivas em que os interlocutores virtuais interagem dialogicamente. A tentativa aqui é de explorar o conceito goffmaniano de *footing*, procurando identificar nos turnos de fala on-line pistas lingüísticas que demonstrem como os *footings* dos interlocutores virtuais se expressam, acrescentando a esse conceito o caráter de virtualidade. Antes disso, exploramos, sucintamente, o conceito de *footing* e seu desdobramento para os estudos do discurso e da interação, a noção de gênero virtual e fórum online e como o *footing* virtual se dá nesse ambiente interacional. Após as análises dos dados, apresentamos nossas considerações finais.

### ***Footing*: da vida cotidiana à virtualidade interacional**

Tanto durante sua carreira acadêmica quanto posteriormente, conforme sublinham Lemert & Branaman (1997), o nome “Goffman” evocava a concepção de que nossas experiências cotidianas são, na verdade, experiências interacionais com um elenco de sujeitos sociais com os quais nos intercomunicamos. Nesta perspectiva, Goffman salienta que nossas relações interacionais não são eventos discursivos isolados, mas, ao contrário, eventos constituídos segundo a participação dialógica dos interlocutores envolvidos na interação.

Mais ao final de seus estudos, ao privilegiar o domínio social da interação face a face enquanto instância sócio-cultural suscetível de análise criteriosa, denominada “ordem da interação” (Goffman, 1983), Goffman verte suas pesquisas para as relações entre fala e interação, reconhecendo no sócio-interacionismo uma interface profícua para seus estudos (Goffman, 1979:5). Em seu artigo *Footing* (1979/2002), Goffman afirma que uma mudança de *footing* implica, necessariamente, numa relação entre linguagem e interação (1979:5). Uma vez que “[f]ooting representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (Ribeiro & Garcez, 2002:107), torna-se evidente o caráter dinâmico dos *footings* dos interlocutores e suas relações com o outro, num jogo interacional de intenções comunicativas e inferências interpretativas. Noutras palavras, *footing* seria uma outra maneira de expressar a relação entre linguagem em uso (discurso) e indexação, ou seja, o processo através do qual relacionamos os enunciados a momentos, lugares e sujeitos sociais particulares, incluindo, neste sistema, nosso próprio *eu* e suas múltiplas formas de expressão em interação (e.g.

sentimentos de emoção, distância afetiva, crença, ceticismo, sinceridade, ironia, dentre outros) (cf. Duranti, 1997:294-307).

Em vista disso, os *footings* dos falantes são mantidos tanto através de seus próprios comportamentos quanto das escolhas lingüísticas que os interlocutores empregam para expressarem suas intenções comunicativas. Do outro lado da interação, os *footings* dos ouvintes se estruturam mediante o discurso do outro, em cuja dinâmica os ouvintes projetam suas opiniões secundados pelas inferências produzidas no decorrer do encontro interacional. Evidencia-se, pois, que o dinamismo dos *footings* se sustenta no dialogismo comum às produções discursivas, pelo fato de que produzir falas com base em enunciados anteriores e com atenção voltada para como os ouvintes recebem nossos discursos e vice-versa é, sem dúvida, uma das características dos turnos de fala desenvolvidos por Sacks, Schegloff & Jefferson (1974:700-701).

Recusar um convite, por exemplo, envolve o falante e o ouvinte num jogo dinâmico de co-construção de significados semântico-discursivos inseridos na estrutura da interação. Ao recusar um convite, o falante produz enunciados que expressam sua posição de negação diante de quem oferta; este, por sua vez, pode receber a negativa de, no mínimo, duas maneiras: de um lado, poderá acatá-la tranqüilamente por entender que o recebedor da oferta não poderá aceitar seu convite por motivo de compromissos outros que o impedem de honrar sua gentileza (neste caso, há o elemento do contexto imediato enquanto co-construtor de significado); de outro, poderá recebê-la contrariado, porquanto o ouvinte não esclarece o porquê de sua recusa. *Grosso modo*, temos neste exemplo as seguintes categorias lingüístico-interacionais:

- 1ª categoria - Ofertante: efetua o convite.  
Ofertado: aceita o convite.  
Ofertante: expressa satisfação e contentamento.
- 2ª categoria – Ofertante: efetua o convite.  
Ofertado: recusa o convite.  
Ofertante: expressa insatisfação e descontentamento.

Nas duas interações, os *footings* dos falantes são ativados a partir de suas produções discursivas. Na 1ª categoria, o “tópico discursivo”, ou “elemento estruturador da conversação” (Fávero, Andrade & Aquino, 2002:37), expressa uma oferta, o que, em nossa sociedade ocidental, representa, na maioria das vezes, um *footing* de cordialidade e empatia; da parte do ofertado, acatar a oferta também representa um *footing* de cordialidade e empatia, provocando satisfação em quem ofertou. Na 2ª categoria, no entanto, o contrário ocorre: ao

ofertar, o ofertante representa um *footing* de cordialidade e empatia que não é considerado pelo ofertado, o qual recusa a oferta, representando um *footing* de antipatia e descortesia; o ofertante, por sua vez, ao receber o enunciado negativo do ofertado, instantaneamente adota um *footing* de insatisfação, representando, assim, antipatia perante o ofertado.

Parece-nos óbvio e claro que na vida cotidiana, em encontros sociais face a face, a situação ou contexto imediato exerce substancial influência na construção dos significados semântico-discursivos produzidos nas falas dos interlocutores. Já na interação on-line, a categoria interpretativa que o contexto imediato proporciona é transferida para os enunciados produzidos na interação virtual. Noutras palavras, os enunciados que os interactantes virtuais produzem devem conter em si mesmos as pistas lingüísticas que expressem os *footings* de seus produtores. Por conseqüência, nas interações on-line os tópicos discursivos apresentados pelos interactantes virtuais e suas escolhas lingüísticas (adjetivos, advérbios, pronomes de tratamento, palavras abreviadas, dentre outros) e para-lingüísticas (interjeições, *emoticons*, letras minúsculas ou maiúsculas, etc.) são as “pistas” discursivas que representam seus *footings*, dado que, segundo Goffman (2002:114), “a mudança de *footing* está muito comumente vinculada à linguagem; quando tal não for o caso, ao menos poderemos afirmar que os marcadores para-lingüísticos estarão presentes”. Com efeito, é neste aspecto da interação on-line que oralidade e escrita se imbricam, formando discursos híbridos que ora circulam na instância da oralidade, ora da escrita.

O gênero discursivo fórum on-line de discussão requer, por sua natureza dialógica, a produção de estruturas discursivas que possibilitem a presença dos *footings* dos interactantes em suas construções lingüísticas, demonstrando uns aos outros as intenções comunicativas pertinentes ao gênero e as maneiras de interpretá-las, conforme as inferências produzidas no instante da interação virtual. Uma vez que gêneros possuem uma classe de eventos comunicativos em cujas instâncias discursivas falantes e ouvintes compartilham objetivos ou propósitos comuns (cf. Marcuschi, 2000:10-13 e Swales, 1990:58), os gêneros virtuais, enquanto instâncias discursivas que se aproximam dos gêneros textuais, são construídos socialmente e, apesar de escritos, apresentam características da oralidade. Rheingold<sup>2</sup>, citado em Evans (2000),

“se refere às interações on-line como diálogos que ocorrem em espaço não geográfico, mas social ou cognitivo. Ele menciona alguns aspectos desses diálogos

---

<sup>2</sup> Howard Rheingold, 1993. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. New York: Addison-Wesley.

que os diferenciam dos diálogos face a face. O grupo de interlocutores na Internet geograficamente dispersos utiliza a forma escrita, e não a oral, como meio de comunicação (...); mesmo assim, realizam essas trocas “conversacionais” com uma velocidade que se equivale aos rituais conversacionais, sendo, portanto, diferentes da interação por cartas. Além disso, as palavras usadas na conversação desaparecem depois que são ditas ou se esvaem da memória; nas trocas on-line, ao contrário, o formato desse meio de comunicação é do tipo escreva-uma-vez-e-seja-lido-para-sempre” (61).<sup>3</sup>

No caso do fórum, o dialogismo seria sua característica mais forte, porém em uma gradação inferior ao dialogismo do gênero *chat*, pois, como evidenciam nossas análises, alguns tópicos discursivos não conseguem impulsionar a interação, talvez pelo fato de os interlocutores virtuais desconsiderarem, quase que espontaneamente, a relação entre *footing* e *tópico discursivo*, e sua importância para a manutenção da interação. Desta maneira, analisar os *footings* dos interactantes virtuais presentes na produção de seus discursos proporciona meios de identificar novas formas de perceber como os interactantes virtuais, de um lado, co-constroem seus discursos e, de outro, ajudam a constituir sistemas discursivos que tipifiquem o gênero discursivo fórum on-line de discussão.

### **Gêneros virtuais e fóruns on-line de discussão: interação virtual**

Os gêneros são “sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um *continuum* de oralidade e escrita, e configurados pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas”. (Paiva, 2004). O fórum on-line prototípico é, por sua vez, um gênero virtual que reúne, em uma página na Internet, interações escritas de uma determinada comunidade discursiva em forma de *hiperlinks* ou de seqüências de textos, com identificação dos tópicos, dos participantes, seus endereços eletrônicos (opcional) e datas das contribuições. O grupo de mensagens, composto pela apresentação de um tópico discursivo e das respostas por ele gerado é chamado de *thread* ou seqüência. Essas mensagens podem circular livremente ou serem censuradas por um moderador que tem o poder de excluir mensagens e de determinar

---

<sup>3</sup> Nossa tradução de: “In *The Virtual Community*, Rheingold (1993) refers to online exchanges as dialogues that occur in a social or cognitive rather than a geographic place (61). He mentions several aspects of these dialogues that differentiate them from their offline counterparts. Most obviously, the geographically dispersed group of interlocutors on the Internet use the written rather than the verbal word as their conversational medium (180); yet they can accomplish these exchanges with a speed that rivals verbal conversations, and are therefore different from letter writing. Moreover, actual words used in verbal conversations disappear after they are said or fade from one's memory; online exchanges, in contrast, have the form of a "write-once-read-forever mode of communication" (61).”

como elas vão aparecer na tela (por ordem de entrada ou ordem reversa, apenas o assunto, ou o texto inteiro, etc)

Fóruns e listas de discussão são gêneros singulares, pois uma mesma enunciação pode contribuir para a formação de dois gêneros diferentes. Como dizem Valente & Damski (1995:71):

“newsgroups e listas de distribuição são entidades independentes. Contudo, existem várias situações em que eles se entrelaçam. Existem máquinas na Internet que trabalham com gateways (passagens) entre os dois universos, tanto criando listas que veiculam mensagens mandadas a um newsgroup, como criando newsgroup que veiculam mensagens mandadas a uma lista.”

Assim, o usuário pode enviar um e-mail para uma lista de discussão que será distribuído para todos os usuários daquela comunidade e ao mesmo tempo ser arquivado em uma página da web, como é o caso dos grupos do Yahoo [<http://groups.yahoo.com/>] ou do brasileiro [<http://www.grupos.com.br>]. Ou ainda, você pode postar uma participação em um fórum, via *web*, e ter a mesma retransmitida para todos os participantes, caso seja essa a opção de seu criador, como é o caso do [<http://inforum.insite.com.br>]. Neste artigo, trabalharemos com o fórum prototípico.

Na figura 1, podemos visualizar uma tela típica de um dos fóruns gratuitos mais usados na Internet: o Voy [<http://www.voy.com>]. As seqüências do exemplo foram retiradas de um fórum educacional, uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos cujo tema é “gêneros digitais”. As mensagens podem ser lidas em <http://www.voy.com/163512/> e os participantes autorizaram sua utilização. O número à esquerda de cada mensagem indica quantas participações aquela mensagem gerou. Como podemos ver, a contribuição da participante Adriana captou o interesse de um grande número de colegas, estimulando 11 respostas e construindo uma seqüência de 12 mensagens. Tal procedimento caracteriza o tópico discursivo “Chat - observações de usuária” da participante Adriana como a pista lingüística que representa seu *footing* de participação, ou seja, de uma interactante que se insere numa rede dinâmica interacional tanto em busca de informações quanto proporcionando troca de experiências. Além disso, por ser um ambiente virtual com fins educativos, a participante introduz um tópico pertinente aos objetivos do fórum, na tentativa de captar interactantes e desenvolver seus objetivos comunicativos. Evidencia-se, portanto, nesses ambientes virtuais, uma relação entre *tópico discursivo*, *footing* e *interação*.

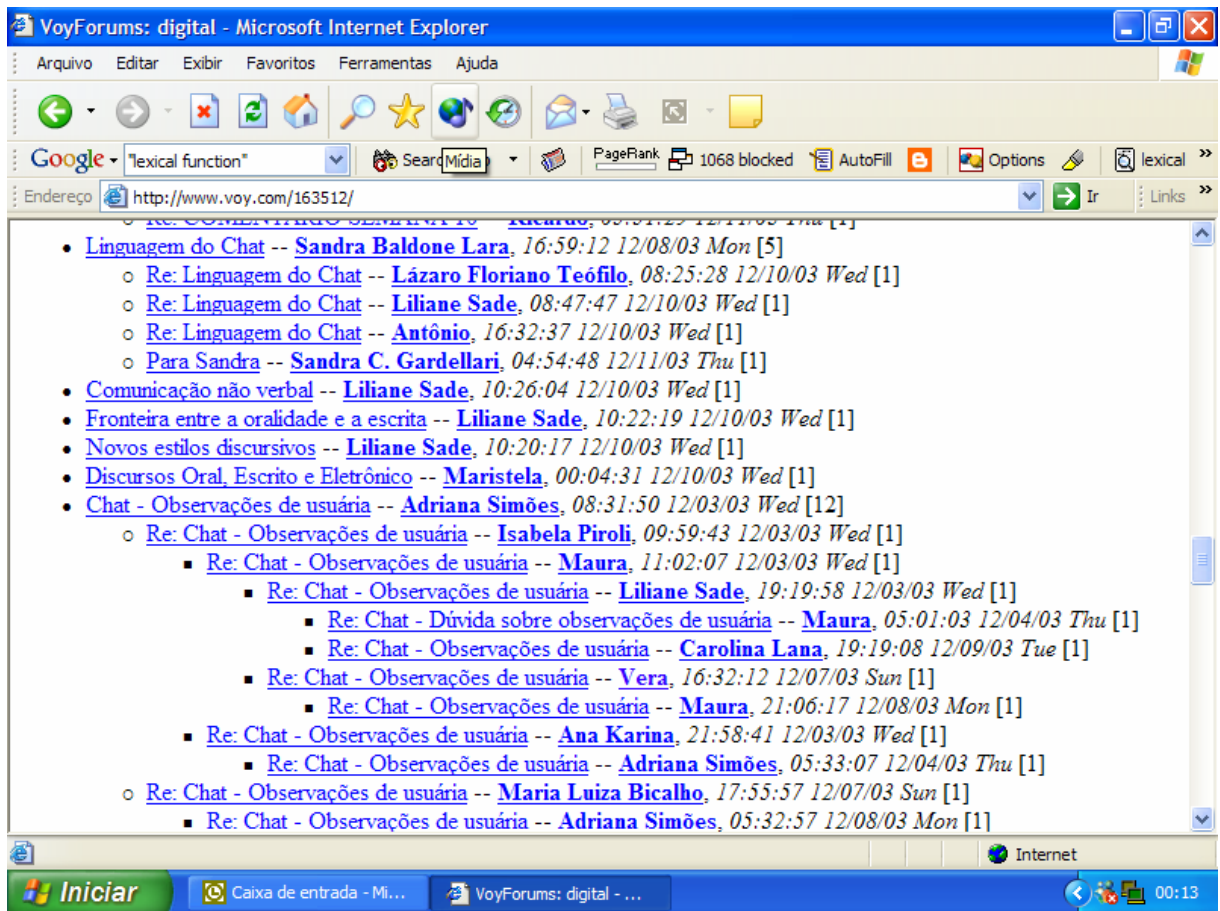


FIGURA1

As contribuições não acontecem linearmente e os participantes têm a liberdade de escolher os tópicos que mais lhes interessarem, nunca, porém, desrespeitando o objetivo comunicativo para fins educacionais do fórum. Uma das participantes, Liliane, geralmente, atrai muitos colegas, mas, no exemplo acima, podemos observar que, no dia 12 de dezembro de 2003, ela introduziu três tópicos praticamente ao mesmo tempo, característica típica desse gênero, e não atraiu interlocutores. O mesmo aconteceu no dia 16 de dezembro. Dada a íntima relação entre o *footing* e a estrutura semântico-discursiva que o representa, o que podemos perceber, ao analisar o conteúdo das mensagens, é que a participante estava apenas fazendo constatações sobre o texto, adotando um *footing* “monológico”, tipo aula expositiva tradicional, iniciado por marcadores textuais, tais como, “É interessante observar... / Nas suas considerações finais, Souza propõe... / Na pág. 13, Souza cita Chafe (1982)...”, nas interações de 10 de dezembro de 2003, e “Interessante a observação de Souza a respeito... / ... , como propõem Schegloff & Sacks (1999) / Souza (p.92) comenta que/”, nas mensagens inseridas no fórum no dia 16/12/2003. Em todas as seis mensagens fica claro que as “falas” de Liliane têm por objetivo registrar trechos da leitura que ela considera interessantes, pois esta é também



uma das expectativas do curso. Espera-se que os alunos não apenas questionem e enviem dúvidas, mas também destaquem trechos dos textos lidos que consideram interessantes. Esse procedimento da participante, embora esperado nas expectativas do fórum, não gerou uma interação ativa, pelo fato de ter sido expresso de forma expositiva, em cuja dinâmica enunciativa a participante adotou um *footing* unilateral, ou seja, não requisitou a interação dos outros participantes.

Há inúmeros momentos em que essa participante consegue impulsionar boas discussões, utilizando, como acontece com inúmeros participantes, o *footing* de “palestrante”, já que o curso é centrado no aluno. Em outra mensagem, também postada no dia 16 de dezembro de 2003, ela utiliza a teoria em discussão para analisar a experiência vivenciada pelo grupo em uma sessão de *chat*, gerando não só concordâncias, mas também discussões teóricas sobre o conceito de “enquadre”<sup>4</sup>, trocas de experiências, perguntas e reflexões com a participação de 6 alunos e da professora.

**Date Posted:** 09:58:52 12/16/03 Tue

**Author:** [Liliane Sade](#)

**Subject:** enquadres

Colegas,

Souza (p. 86) cita Goffman (1974) que define enquadres como “os princípios de organização que regem os significados subjetivos atribuídos a um evento social”.

Souza comenta (p.87) ainda que a maneira pela qual as pessoas se relacionam com um evento social depende do modo como estes eventos são enquadrados.

Através de nossa experiência no Chat, foi possível constatar que as pessoas não conseguem enquadrar o Chat como um evento formal. A natureza do meio que demanda respostas rápidas, impede que possamos utilizá-lo para discussões acadêmicas, conforme observamos. Além disso, mesmo quando tentamos fazer isso, o tópico sempre era desviado para outro foco, o que comprova o enquadre informal do Chat.

Liliane.

Finalmente, em um outro exemplo, ocorre uma mudança radical de *footing*, em que Liliane solicita ajuda ao grupo, em 26 de novembro de 2003.

- [Dúvida - característica mecanismo de busca](#) -- [Liliane Sade](#), 10:12:34 11/26/03 Wed [6]
  - [Re: Dúvida - característica mecanismo de busca](#) -- [Ernesto Rodrigues](#), 10:32:59 11/26/03 Wed [1]

---

<sup>4</sup> Conforme Ribeiro & Garcez (2002:260), enquadre é a “definição, com base em elementos de sinalização na fala em interação, quanto ao que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) pode ser interpretada”. Nesta mesma linha de pensamento, Rodrigues Júnior (2002:33) define enquadres como sendo os “traços ou estruturas que retratam o comportamento interacional dos participantes do enlace conversacional”.

- [Re: Dúvida - característica mecanismo de busca](#) -- [Adriana Simões](#), 11:14:54 11/26/03 Wed [1]
  - [Re: Dúvida - característica mecanismo de busca](#) -- [Maristela](#), 11:50:52 11/26/03 Wed [1]
    - [Re: Dúvida - característica mecanismo de busca](#) -- [Isabela Piroli](#), 16:03:53 11/26/03 Wed [1]
- [Re: Dúvida - característica mecanismo de busca](#) -- [Liliane Sade](#), 09:16:06 11/27/03 Thu [1]

A pergunta – “Ao analisar o quadro sobre as características dos mecanismos de busca apresentado por Tate, não consegui entender direito a coluna intitulada: “Boolean & Proximity operaros”. Alguém pode me ajudar a compreendê-la?” – gera quatro reações: duas solucionam a dúvida trazendo contribuições localizadas na própria Internet. Uma terceira aproveita que a dúvida já está solucionada e faz observações sobre a lógica booleana e uma quarta elogia a contribuição de uma das colegas. É relevante observar que a professora não participa da seqüência e que os alunos assumem ora o *footing* de professor, ora o de aluno, e alterando os alinhamentos vão construindo o conhecimento sobre os tópicos que selecionam dentro do tema da semana, previamente indicado pela professora, como atores visíveis do processo ou mesmo como meros leitores. No exemplo em pauta, Liliane encerra a seqüência, agradecendo aos colegas “pelos ricos contribuições”.

Uma análise de todas as mensagens que não conseguiram desencadear seqüências indica que essas mensagens adotam um *footing* que não instiga a participação do outro. São narrativas de experiência com um dos gêneros digitais sob análise; instruções da professora; transmissão de informação como em uma aula tradicional; e destaques de trechos interessantes dos teóricos em debate.

Apesar de as perguntas nos fechamentos das mensagens sinalizarem um *footing* participativo de quem procura um interlocutor, localizamos dois tipos que não funcionam dessa forma. O primeiro tipo faz uma pergunta genérica que é indiretamente respondida em outras seqüências, pois indaga sobre a tarefa da semana, como, por exemplo, “E vcs. Têm conseguido entrar no MOO World?”; o segundo tipo, por sua vez, não consegue captar nenhuma resposta, pois é uma pergunta meramente retórica, como em “Cabe agora questionar, será que as propagandas se constituem apenas em uma característica lingüística dos mecanismos de busca ou elas são uma demanda da sociedade capitalista digital?”. Parece-nos que a resposta já está inserida nas palavras finais “elas são uma demanda da sociedade capitalista digital”.

Já as mensagens que geram mais participações apresentam os tópicos discursivos sobre o tema da semana e funcionam como gatilho para o início da discussão. Elas introduzem dúvidas que imediatamente acionam o *footing* de solidariedade e de colaboração; apresentam perguntas que estimulam o debate, como, por exemplo, “*Moo tem relação com RPG; a página do Big Brother pode ser considerada um tipo de Blog?*”; propõem tópicos de discussão ou pesquisa; e geralmente apresentam fechamentos do tipo “*O que vocês acham?/ Será que é uma análise muito pessoal ou vocês também têm a mesma experiência?/ O que acham ?*”

Quando lançamos na interação um tópico discursivo qualquer, nossos *footings* serão expressos conforme a condução interacional que esses tópicos discursivos proporcionarem. No caso dos fóruns, parece-nos que o ideal é estabelecer um tópico discursivo preferencialmente de interesse mais geral, a fim de explicitarmos nossos *footings* conforme os discursos que produzimos. Embora a apresentação de vários tópicos ao mesmo tempo seja uma característica típica desses ambientes de interação virtual, a apresentação paulatina de tópicos pode promover interações mais bem elaboradas e satisfatórias, tipificando seus participantes com base em seus discursos.

No exemplo seguinte, podemos ver duas características discursivas que representam a relação entre *tópico discursivo* e *footing*. Na primeira, Liliane é responsável por uma seqüência de 9 mensagens e Sandra por 13. Aqui é visível a preocupação das participantes em apresentarem um tópico discursivo pertinente ao evento interacional (“Sistemas de classificação” e “COMENTÁRIO - SEMANA - 4”, respectivamente), com o intuito de iniciarem uma discussão acerca dos temas propostos e conseqüentemente impulsionarem a interação, adotando, para tal, um *footing* participativo. Na segunda característica, chama-nos a atenção as 2 mensagens de Maria Luiza com 2 minutos de diferença apenas e com o mesmo tópico discursivo. Se o leitor pudesse clicar nos *hyperlinks*, veria que é a duplicação da mesma mensagem causada por alguma inabilidade do manuseio do software, fato comum até entre os que têm bastante experiência com a interação eletrônica. Aqui, percebe-se uma terceira relação da interação virtual com os *footings* dos participantes: a habilidade com o manuseio do software. Não só a inserção adequada de tópicos discursivos e suas construções lingüísticas e para-lingüísticas são suficientes para a projeção ou alinhamentos dos interactantes nesse ambiente virtual, mas, em igual valor, a habilidade em lidar com o software garante aos interlocutores condições técnicas mais eficientes de acompanharem as interações e os tópicos que nelas se desenvolvem. Aqui temos o que Goffman (1979)

denominou *falantes ratificados*, ou seja, aqueles interlocutores que têm permissão de interagirem com outros interlocutores pelo fato de dominarem as regras sociais e interacionais do evento interacional a que se ligam, com conhecimento de causa e visão *êmica*, ou conhecimento contextual, do encontro social. Mais precisamente, *interactantes virtuais ratificados* são aqueles que, no mínimo, (i) dominam satisfatoriamente as ferramentas do meio ou programa computacional que utilizam para interagirem com seus interlocutores virtuais, (ii) apresentam tópicos discursivos de interesse geral daqueles com os quais interagem e, por fim, (iii) reconhecem a importância de suas projeções ou alinhamentos discursivos (seus *footings*) para a manutenção da interação em curso e, sobretudo, para a construção de significados discursivos por intermédio de suas interações.

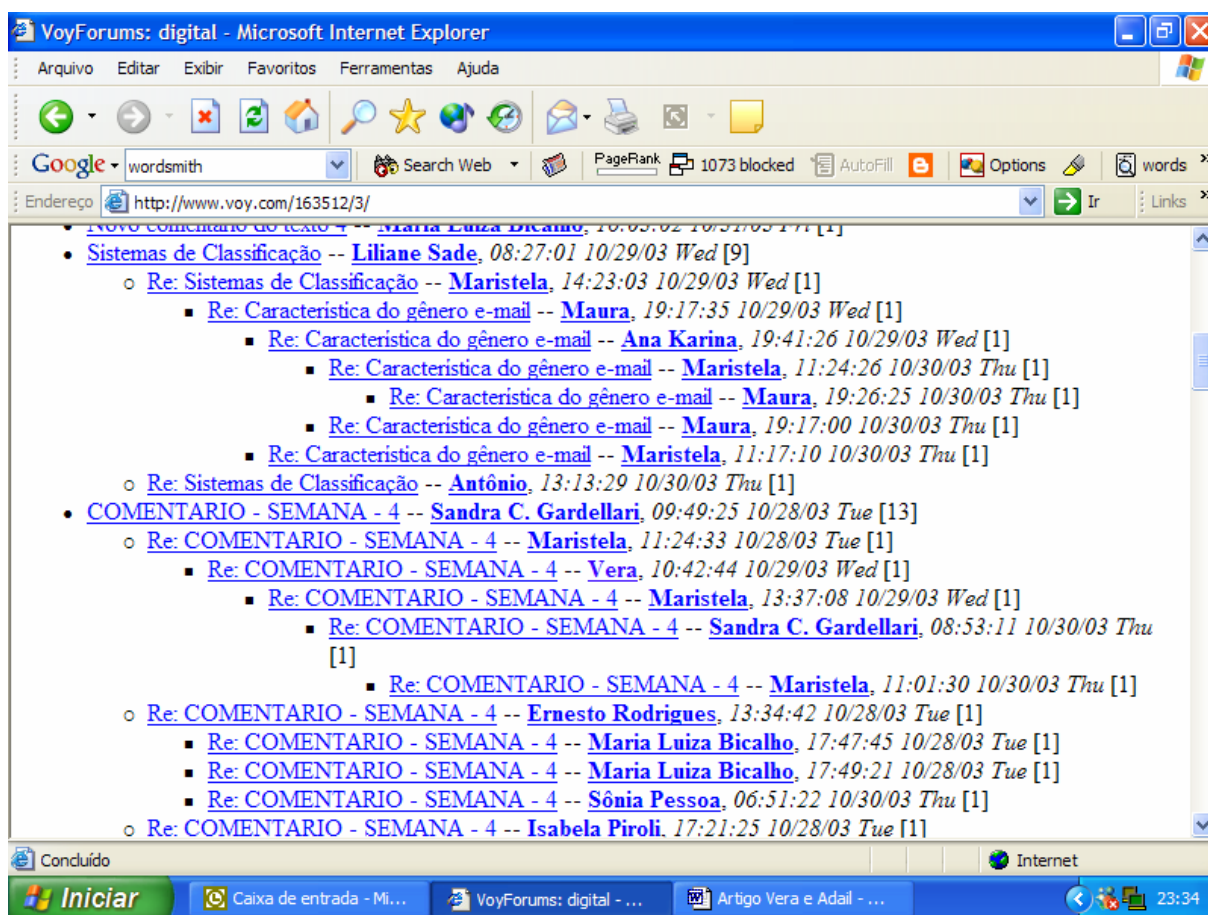


FIGURA 2

Dentro dessas premissas, conhecer, de maneira satisfatória, o gênero virtual, ou sistema discursivo, que serve de estrutura para a constituição de significados torna-se relevante, e até mesmo indispensável, para o usuário, uma vez que seus tópicos discursivos e a forma de

expressão de seu *footing* serão filtrados através das peculiaridades do gênero virtual em que os interactantes se inserem. Assim, dada a relação entre *footing* e as estruturas dinâmicas da linguagem em uso, podemos fazer um paralelo entre a interação na sala de aula tradicional e nos fóruns educacionais, a fim de percebermos como os *footings* dos participantes representam as estruturas da interação e como estas são formadas pelos *footings* dos interlocutores.

<b>Interação conversacional na sala de aula tradicional</b>	<b>Interação em fórum educacional</b>
Participantes se encontram no mesmo espaço geográfico.	Participantes estão geograficamente dispersos.
Interação síncrona.	Interação assíncrona.
Acontece dentro de um tempo limitado medido por horas.	Acontece dentro de um espaço temporal maior (dias, semanas, meses).
Mediada pelo professor.	Mediada pelo computador.
O professor aloca os turnos.	Os participantes interagem livremente, apesar de o professor poder sugerir tópicos iniciais
Organiza-se através de pares adjacentes.	Organiza-se em "threads" ou seqüências.
A participação se dá de forma linear.	A participação não é linear, isto é, o participante se insere em qualquer ponto do <i>continuum</i> da interação.
Discute-se um tópico de cada vez e conversas paralelas perturbam os grupos conversacionais.	Vários tópicos podem ser desenvolvidos ao mesmo tempo com os mesmos participantes.
Raramente um interlocutor fica sem resposta.	Alguns interlocutores não conseguem atrair os participantes, o que não significa que não sejam lidos.
Limitações de memória fazem com que um interlocutor solicite ao outro a repetição de sua fala.	Não acontecem pedidos de repetição e sim negociações de sentido.
Um interlocutor nunca repete a mesma fala de forma idêntica. Quando muito, usa paráfrases.	Um erro pode levar à duplicação da mensagem.
Não há como voltar no tempo e recuperar uma fala <i>ipsis litteris</i> .	Toda a interação fica arquivada e pode ser lida ou continuada a qualquer tempo.
Há mais digressões e mudanças explícitas de <i>footing</i> .	Há menos digressão e mudanças explícitas de <i>footing</i> .
Linguagem menos elaborada.	Linguagem bem cuidada.

Por motivo de espaço textual, optamos por estudar uma interação do fórum on-line investigado e perceber como os *footings* dos interactantes e suas categorias interacionais são apresentados em suas produções discursivas. Na interação seguinte, Maura abre o *turno de participação* apresentando um tópico discursivo diretivo, ou seja, dirigindo-se especificamente a um dos interlocutores do fórum, neste caso Vera, embora igualmente se dirigindo, de maneira geral, aos outros participantes:

[ [Next Thread](#) | Previous Thread | [Next Message](#) | Previous Message ]  
**Date Posted:** 04:42:07 12/17/03 Wed  
**Author:** [Maura](#)

**Subject:** Interação pessoa-pessoa - Interação pessoa-computador

Vera e colegas,

*Segundo Souza*, a expressão “comunicação mediada pelo computador” é utilizada em sentido amplo para se referir tanto às possibilidades de interação pessoa-computador como à interação pessoa-pessoa através do computador.” (pág. 85)

*Partindo do pressuposto de que* todos os programas, orientações dos mecanismos de busca da Internet, home pages, todo e qualquer tipo de texto existente nos computadores são pensados, criados e executados por pessoas, no que constituiria a interação pessoa-computador?

As interações não seriam pessoa-pessoa através de material (textos, orientações do tipo “chique em ...”, “digite a palavra –chave”, etc.) criado por pessoas?

No caso específico dos gêneros digitais mecanismos de busca, por exemplo, estamos lidando com um material interativo produzido por um “designer”, conseqüentemente estaríamos interagindo como o “designer” através do computador e não interagindo com o computador. *O que vocês acham?*

*Resumindo*, existem duas maneiras derivadas de um único tipo de interação (que é a interação pessoa –pessoa através do computador), sendo que em uma dessas maneiras a interação se dá diretamente com a presença virtual dos interagentes (chat, e-mail) e na outra se dá entre uma pessoa e a presença “material” do outro participante ( mecanismos de busca produzido por um designer ).

*Um abraço,*

Maura

A participante Maura expressa um *footing* acadêmico, de quem domina determinado assunto, usando, para tanto, estruturas discursivas típicas do *gênero do discurso acadêmico artigo científico*, claramente visível em sua construção lingüística “Segundo Souza, a expressão (...) através do computador” (pág. 85)”. Ao dialogar com outras formas de conhecimento acadêmico, intertextualizando seu discurso interacional, Maura se posiciona no local de quem expressa opiniões com suporte na instituição discursiva da ciência, portanto deixando transparecer seu *footing* de formalidade, conhecimento e discussão. Na verdade, as categorias lingüísticas de coesão textual empregadas por Maura, tais como, a conjunção conformativa “Segundo” e as estruturas coesivas de causa “Partindo do pressuposto de que” e de conclusão “Resumindo” indicam uma construção coesiva de seu texto que revela formalidade e deferência (cf. Halliday, 1994:328), estabelecendo uma relação semântica circunstancial (Neves, 2000:925), típicas de uma linguagem erudita, bem cuidada, ao passo que as escolhas léxico-semânticas “O que vocês acham?” e “Um abraço” revelam traços de interpessoalidade, informalidade e proximidade, comuns à linguagem cotidiana. Por conseguinte, as mudanças de *footing* são marcadas pelas pistas ou escolhas lingüísticas dos interactantes, uma vez que as práticas discursivas têm seus sistemas de representação imersos na linguagem dos atores sociais.

Uma vez que Maura se dirige à participante Vera, professora do curso virtual, para esclarecer seus questionamentos, Vera, por sua vez, interage com Maura e os outros

participantes, adotando o *footing* de orientação, típico dos *footings* que professores adotam em sala de aula. Isso é claramente visível pela ausência de marcadores de deferência e polidez no texto da participante Vera, contrariamente ao texto da participante Maura, pelo fato de que Vera tenciona, sobretudo, esclarecer sua interlocutora, sem se preocupar sobremaneira com os aspectos de polidez marginais aos objetivos da comunicação em curso.

**Date Posted:** 10:22:40 12/18/03 Thu

**Author:** [Vera](#)

**Subject:** Re: Interação pessoa-pessoa - Interação pessoa-computador

**In reply to:** Maura 's message, "[Interação pessoa-pessoa - Interação pessoa-computador](#)" on 04:42:07 12/17/03 Wed

Maura,

Nem sempre se sente a presença forte do autor. Veja o caso desse fórum, por exemplo. Quando o software te avisa que faltou o seu nome ou seu e-mail, essa é uma reação da máquina e não mais do autor do software. O autor programou o software, mas este vai funcionar de acordo com nossa interação com a máquina. Há ainda o caso da inteligência artificial. Você já viu, por exemplo, o "Talk to Elisa". Você interage com a máquina e não com o autor do software.

Vera

As estruturas coesivas do trecho da participante Vera apresentam completa ausência de hesitações, prolixidade, e preferencialmente construções oracionais subordinadas que indicam coesão por argumentação e explicação, do tipo, “O autor programou o software, *mas* [conjunção adversativa] este vai funcionar...”. Essas estruturas coesivas, típicas do discurso de quem esclarece, orienta, são, na verdade, sistemas de representação lingüístico-discursiva dos *footings* adotados por seus falantes, mostrando-nos, assim, a relação íntima entre *footing* e linguagem. Depreende-se daí, portanto, que as produções discursivas dos fóruns on-line carregam consigo alguns traços do discurso da sala de aula tradicional, com diferenças marcadas na maior liberdade de apresentação de tópicos para discussão e a participação mais interativa e geral dos interlocutores, sem prejuízo para a constituição de significados e conhecimentos.

Em vista disso, o fórum educacional é um gênero que contribui para a construção coletiva do conhecimento. Jonassen, Peck & Wilson (1999:118) reforçam nossa afirmação ao dizerem que:

“[a] tecnologia tem um papel fundamental nas comunidades que constroem conhecimentos ao fornecerem os meios para armazenar, organizar, e reformular as idéias geradas pela contribuição de cada membro da comunidade (...). ... para a comunidade de alunos, o conhecimento representa a síntese de seus pensamentos, algo que eles possuem que os

orgulha. Neste sentido, acreditamos que o objetivo das escolas deve ser o de fomentar comunidades de construção de conhecimento.”<sup>5</sup>

A construção do conhecimento no fórum educacional em questão congrega várias vozes que se manifestam através dos vários papéis assumidos por seus participantes. O texto global é construído em dois níveis: o intertextual e o hipertextual. No intertextual, temos um grande tecido textual construído pelas contribuições individuais em que cada participante, através de alinhamentos diversos (comentarista de texto, professor, aluno com dúvida, colaborador, mediador, provocador, etc), publica seus textos e também reproduz as vozes dos autores lidos. No nível hipertextual, temos a possibilidade de selecionar e acessar a contribuição ou a seqüência que mais nos interessa e ainda de ler outros textos na própria Internet que vão sendo, ao longo do processo, mencionados por todos os participantes.

Sobretudo, ao tentar descrever como os fóruns on-line exercem papel na constituição de saberes dos interactantes que se inserem nessa rede discursiva, a linguagem, neste ambiente virtual, revela-se uma categoria de análise que oferece meios de identificar como os atores sociais imersos na dinâmica de uso da língua real constroem sua própria epistemologia (cf. Bhaskar, 1996). Ao interagirem, os interlocutores expõem conceitos e concepções através de seus discursos, produzindo, portanto, maneiras variadas de interpretação e análise que, no decorrer da interação, tornam-se mais claras e coerentes. É neste universo discursivo que a linguagem possui importância primordial para a constituição de saberes pertinentes aos grupos ou comunidades de indivíduos que se inter-relacionam por intermédio de seus discursos (Nagel, 1998:47-65), numa relação em que o social e o cultural tipificam a linguagem que os representa e vice-versa.

No que tange à educação, mais particularmente a educação à distância, a cultura on-line em si propiciou a quebra de barreiras limitadoras do processo educacional e abriu um novo espaço educativo que se inseriu naturalmente nas relações multiculturais de nossa sociedade. Tal fato permitiu a inserção, na cultura educacional brasileira, “de novas linguagens hoje presentes na sociedade e com as quais os jovens têm grande familiaridade” (Candau, 2002:141), convidando-nos, pois, a revisitarmos nossos atuais paradigmas em educação e repensarmos novos paradigmas que sustentem a dinâmica pós-modernizante de nossa sociedade e sua relação com a ciência educacional vigente (cf. Kuhn, 2003).

---

<sup>5</sup> Nossa tradução de: [t]echnology plays a key role in knowledge-building communities by providing a medium for storing, organizing, and reformulating the ideas that are contributed by each community member (...). ... to the community of students its (knowledge) represents the synthesis of their thinking, something they own and for which they can be proud. In this sense, we believe, the goal of schools should be to foster knowledge-building communities.”



## Considerações finais

Como nos lembra Crystal (2001:234):

“Situações assíncronas, tais como listas de discussão e fórum, têm sido criadas para facilitar discussões de assuntos propostos pelo professor; oportunidades de contato para os alunos; e interação entre professor e alunos, assumindo a característica de sala de aula virtual. O contexto assíncrono dá aos alunos tempo para ler, compreender, responder, sem as pressões das interações em tempo real.”<sup>6</sup>

Como pudemos observar nos dados analisados, o professor, apesar de todos os seus poderes de moderador, até maiores do que na sala de aula presencial<sup>7</sup>, acaba exercendo menos poder e cedendo o palco para seus alunos. Naturalmente, outras variáveis interferem no ambiente, o que impede que todos interajam de forma homogênea. Alguns participantes acabam dominando as discussões, seja pela quantidade de participações, pela qualidade de seus textos e, sobretudo, pela forma como são apresentados seus tópicos discursivos, sinalizando para seus interlocutores seus *footings* interacionais. Além disso, neste estudo tencionamos *iniciar* uma discussão sobre as relações entre interações on-line e a presença dos *footings* dos interactantes no ambiente virtual. Uma vez que as sociedades pós-modernas se caracterizam eminentemente pela hibridização dos variados gêneros do discurso via comunicação on-line, a maneira como os usuários da World Wide Web se posicionam diante desse fenômeno discursivo e como a WWW cria mecanismos híbridos de interação torna-se foco de interesse constante, como forma de tentar categorizar algumas de suas características discursivas enquanto constituidoras de conhecimento em tempo real.

---

<sup>6</sup> Nossa tradução de: “Asynchronous situations such as mailing lists and newsgroups, have been found to facilitate teacher-level discussion of issues, opportunities for students contact, and teacher-student interaction, the latter settings soon taking on the characteristics of virtual classroom. The asynchronous context gives students time to read, understand, and respond, without the pressures of the real time interaction.”

<sup>7</sup> O moderador pode excluir mensagens, editá-las e até mesmo escolher a forma de organização dos textos produzidos por seus alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, G. *Intertextuality*. London & New York: Routledge, 2000.
- BAKHTIN, M. M. *Speech Genres and Other Late Essays*. Trad. V. W. McGee. Austin: University of Texas Press, 1986.
- BHASKAR, R. Teoria do Conhecimento. In: OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, T. (eds.). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Trad. Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p.125-129.
- CANDAU, V. M. F. Sociedade, Cotidiano e Cultura(s): uma aproximação. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 79, p.125-161, 2002.
- CRYSTAL, D. *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DAMSKI, J.C.; VALENTE, A. *Internet: guia do usuário brasileiro*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- DURANTIA, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- EVANS, Fred. *Cyberspace and the concept of democracy*. First Monday, v. 5, n.10. October 2000. [http://firstmonday.org/issues/issue5\\_10/evans/#p4](http://firstmonday.org/issues/issue5_10/evans/#p4) (acesso em 18 de janeiro de 2004)
- FÁVERO, L. L., ANDRADE, C. V.O. & AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. s/Trad. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GOFFMAN, E. Footing. *Semiotica*, v. 25, n. 1/2, p.1-29, 1979.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2ª ed. rev. amp. São Paulo: Loyola, 2002. p.107-148.
- GOFFMAN, E. The Interaction Order. *American Sociological Review*, v.48, s/n., p. 1-17, 1983.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2<sup>nd</sup> edition. London/New York/Sydney/Auckland: Edward Arnold, 1994.
- JAWORSKI, A & COUPLAND, N. Introduction: perspectives on discourse analysis. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (eds.). *The Discourse Reader*. 2<sup>nd</sup> imp. London & New York: Routledge, 2000. p.1-44.
- JONASSEN, D.H, PECK, K.L & WILSON, B.G. *Learning with technology: a constructivist perspective*. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 1999.
- JONASSEN, D.H. *Computers as mindtools for schools*. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 2000.
- KUHN, T. S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. (originalmente publicado em 1962)
- LEMERT, C. & BRANAMAN, A. (eds.). *The Goffman Reader*. USA/UK/Australia: Blackwell Publishing, 1997.

- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: o que são e como se classificam*. Recife: UFPE, 2000. (mimeo.)
- NAGEL, T. *A Última Palavra*. Trad. Carlos Filipe Moisés. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. 3ª reimp. São Paulo: UNESP, 2000.
- PAIVA, V.L.M.O. E-mail um novo gênero textual. 2004. (no prelo)
- PALLOFF, R. M. & PRATT, K. *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para sala de aula on-line*. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2ª ed. rev. amp. São Paulo: Loyola, 2002.
- RODRIGUES JÚNIOR, A. S. *Estratégias Discursivas de um Pai-de-Santo Umbandista em Possessão*. 173ff. Dissertação inédita em Linguística (Análise do Discurso) não publicada. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p.696-735, 1974.
- SWALES, J. M. *Genre Analysis: english in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.